

Escrita de si de Thomas Bernhard: as imagens impetuosas

Die Autobiographie von Thomas Bernhard: zügellose Bilder

Whitten by Thomas Bernhard: impetuous images

**Jennifer de Avila Beskow¹
Helano Jader Ribeiro²**

Palavras-chave / Stichwörter / Keywords: A causa; trauma; escrita de si; die Ursache, das Trauma; die Autobiographie; Trauma; Causes; Writing the Self;

1. Thomas Bernhard e a origem

Thomas Bernhard nasceu em Heerlen, na Holanda, em 1931, e morreu em Gmunden, na Áustria, em 1989. Ele foi um dramaturgo, contista, romancista e poeta. Foi criado em sua maior parte pelos seus avós em Salzburg. Pode ser considerado um escritor polêmico por sua relação complicada com a Áustria. Esta vai do amor ao ódio. Também é considerado um escritor “maldito e solitário” (RIBEIRO 2015: 19). Seu livro intitulado *Origem* se divide em cinco breves relatos autobiográficos. Estes tratam da infância e adolescência do autor, cujos nomes são: *A causa* (1975), *O porão* (1976), *A respiração*

¹ Graduanda em Letras Português/ Alemão, Universidade Federal de Pelotas, rua Gomes Carneiro nº 1, Rs. E-mail: jennifer.ab.1997@hotmail.com

² Doutor em Teoria da Literatura UFSC. Professor Adjunto de Língua Alemã na UFPel. E-mail: hjcribeiro@gmail.com

(1978), *O frio* (1981) e *Uma criança* (1982). Ao escrever esses relatos, ele nos dá indícios de como foram terríveis seus anos de aprendizado e criação desse escritor. Neste trabalho focaremos no relato *A causa*.

2. A causa

Este relato é a primeira publicação autobiográfica de Thomas, aqui ele já está com 13 anos de idade, aonde ele partilha sua história com o malvado Grünkranz. Este sendo diretor do colégio nacional-socialista que ele estudara. Nas palavras de Thomas “o medo do Grünkranz, surgindo e punindo sempre de forma inesperada, com toda infâmia e astúcia militar, ele era oficial-modelo do exército e da SA”. (BERNHARD 1975: 132). O internado é visto como um “cárcere projetado[..], contra a totalidade da sua existência” (BERNHARD 1975: 123). Dessa forma, podemos considerar o tema central a semelhança ou mistura do nacional-socialismo com o catolicismo. Segundo o autor na época do nazismo para a do catolicismo, que veio logo após, não mudou praticamente nada. Antes era o Grünkranz e agora era um padre católico chamado Tio Franz, era tão temido e odiado como o primeiro e também tinha o mesmo modo ou caráter. A escola que se chamava Escola Nacional-Socialista para Meninos agora se transformou em Johanneum. No interior do internato quase nenhuma mudança se notava, apenas que o salão, em que eles educavam para o nazismo se transformou em uma capela. Onde tinha o retrato de Hitler agora tinha uma cruz, no lugar do púlpito onde ficava o Grünkranz tinha um altar, onde agora ficava o tio Franz.

De fato, os sinais exteriores do nacional-socialismo em Salzburgo haviam sido apagados por completo, como se aquele período pavoroso nunca tivesse existido. Agora ressurgia o catolicismo oprimido, e os americanos dominavam tudo. A miséria e a necessidade eram ainda maiores do que antes, as pessoas não tinham o que comer e para vestir não tinham mais do que aldrajos, apenas o estritamente necessário. (BERNHARD 1975: 176-177)

2. Escrita de si e a ficção

Após fazer uma explicação sobre a vida do autor e o relato em si, podemos passar para a escrita de si, para o poder exercido pela autobiografia, o poder de ser mentira ou

verdade. Como o relato *A causa* de Thomas Bernhard, que pode ser considerado um tanto quanto duvidoso, pois é uma ficção que o sujeito cria para si próprio, é também uma visão do autor dos fatos.

Segundo Philippe Lejeune (1996) o que diferencia a ficção da autobiografia é o pacto que o autor estabelece com o leitor, através de vários indicadores presentes no texto, que encaminham seu modo de leitura. Para sabermos se é autobiografia ou ficção depende do pacto estabelecido seja “ficcional” ou “referencial”. Suas memórias e biografias, seus (auto) retratos e suas declarações sobre sua própria obra ficcional são considerados o “espaço autobiográfico”. O autor faz pactos indiretos com o leitor, através de alguma indicação que mostra a ele “fantasmas reveladores do indivíduo” (KLINGER 2012: 10). Ficção e não ficção então não são territórios nitidamente separados. Devemos portando “abandonar os rígidos binarismos entre “fato” e “ficção”. (KLINGER 2012: 11)

3. Trauma e repetição como rememoração

Agora podemos partir para dentro da obra. Recordamos de um tema trabalho por Freud: o trauma. Por mais que se trate de uma escrita de si, com a experiência do autor na segunda guerra mundial, mesmo ele não participando efetivamente, por exemplo, como soldado, a sua experiência é válida para trabalharmos com o trauma. Assim, adentramos com o que Freud nos disponibiliza, segundo ele, o conteúdo da lembrança pode ser duas coisas ou um trauma psíquico capaz de causar a eclosão da histeria ou um acontecimento que se tornou um trauma, o trauma psíquico implica na ideia de um choque violento. Quando mais grave for o trauma vivido, mais intensa a força de repressão, esta sendo um mecanismo de defesa. Além disso, utilizam-se outros mecanismos de defesa como reprimir ou/e esconder memórias.

Nos é evidenciado o trauma vivido por Thomas em algumas de suas passagens, algumas delas falando da vontade de cometer suicídio. Este trauma preenchia tanto sua vida e era tão difícil de lidar que ele pensava em morte, pois não conseguia viver ou conviver com aqueles choques de cenas tão intensas, com aquele estado de exceção. Entre uma das passagens cito esta,

Não tivesse eu sido capaz de deixar para trás aquela cidade em última instância e desde sempre ofensiva e agressiva ao espírito criador, aniquiladora enfim, a um só tempo cidade materna e paterna, não a tivesse abandonado de uma hora para a outra, e alias no momento decisivo e redentor da mais aguda tensão nervosa e do máximo esgotamento mental, teria feito como tantos outros espíritos criativos que conheci, teria posto à prova aquela única característica distintiva de Salzburgo e me matado de uma vez (BERNHARD 1975: 121)

Em adição propomos que, é necessário **recordar, repetir e elaborar**. Freud usa o conceito de repetição como uma forma de rememoração. Segundo o autor, para que o paciente consiga superar ou viver com algum trauma é necessário rememorar, lembrar-se dele, repetir, pois, assim, não irá reprimir ou esconder memórias. O objetivo dessa técnica é “preencher as lacunas da memória superando as resistências causadas pela repreensão” (STENGEL 2014: 5). Tratamos disso, pois é uma das características marcantes da obra de Thomas, a estética da repetição. Este conceito está ligado ao exagero da repetição, recorrências constante de ideias e palavras. Um exagero autêntico, que pode ser chamado de arte do exagero. Este recurso estilístico torna marcante uma ideia. Este recurso foi muito utilizado pelo governo nazista através das propagandas, mas Thomas a usa de forma diferente com musicalidade e compasso, desarticulando assim, o discurso nacional-socialista.

Dessa forma, voltamos para Freud e através de sua explicação temos a capacidade de entender porque Thomas usa da repetição. Citando “Enquanto ele permanecer em tratamento, não se livrará desta compulsão à repetição; por fim compreendemos que este é o seu modo de recordar”. (FREUD 2010: 201). Portanto, é muito importante rememorar, pois vemos que hoje não lembramos mais ou não queremos lembrar do ocorrido naquela cidade. Quando ele narra, na época da segunda guerra, em uma passagem em que estava diante da hospedaria, esta mesma foi bombardeada e era uma montanha de escombros, com todos os moradores mortos sobre os escombros. Thomas retorna para o hoje, anos após, agora o lugar era um cinema, quando ele pergunta a alguém se sabem o que tinha ali antes ou o que aconteceu, parece que as pessoas “perderam a memória das muitas casas destruídas e das pessoas mortas” (BERNHARD 1975: 144-145)

4. A potência das imagens

A propósito, nos convém passar para a ideia da potência das imagens. Vemos imagens tão fortes nesse relato, muitas vezes podemos querer nos esquivar delas, mas segundo Didi-Huberman para saber, há que imaginar. É preciso pensar o quanto foi pavorosa a época da guerra e também do pós-guerra em que tinha o catolicismo muito presente. Devemos refletir no quanto a imagem como memória é potente para denunciar atrocidades e também o quanto é poderosa. Citando “ Pero esse imaginable tan duro, se ló debemos” (DIDI-HUBERMAN 2003: 17). Algumas passagens são fortes e nos fazem imaginar as cenas, entre elas cito: “As pessoas espremendo-se para dentro ou para fora dos túneis com toda sua brutalidade inata e já sem freios, de tal modo que os fracos muitas vezes eram simplesmente pisoteados” (BERNHARD 1975: 142). Dessa forma, pode ser considerado praticamente impossível imaginar essas cenas, mas uma imagem nós é mostrada e é potente para a rememoração. Ainda no relato *A causa* nos deparamos com uma serie de imagens impactantes, como por exemplo, quando ao voltar dos túneis eles encontram um braço de uma criança decepado.

No caminho para Gstättengasse, na calçada defronte à Bürgerspalkirche, eu pisara num objeto macio; ao olhar para ele acreditei tratar-se da mão de uma boneca, e também meus colegas de internato acreditam tratar-se da mão de uma boneca, mas era uma mão decepada de uma criança. Foi somente a partir da visão daquela mão de criança que [...] minha cidade natal transformou-se, [...] numa violência aterradora, numa catástrofe. (BERNHARD 1975: 138-139)

É relevante trazer para a discussão Susan, esta trabalha com Walter Benjamin com a ideia da consciência evadindo o choque impedindo do mesmo penetrar fundo o bastante, assim, Buck-Morss trabalha com a ideia da anestesia. Como exemplo dessa anestesia temos o cinema Hollywoodiano, este por muitas vezes não nos provoca uma reflexão, mas um bloqueio da sensibilidade, não mostrando a realidade da segunda guerra e de outras coisas. Por isso é necessário trazer imagens fortes que nos causam um choque para que “a consciência não evada o choque impedindo de penetrar fundo o bastante, não possibilitando reflexos conscientes.”. (BUCK-MORSS 1996: 4).

Somando a isso, acontece, às vezes, de haver uma ausência de linguagem ou podemos chamar de mudez, esta pode ser um estado ou condição de ficar mudo, pode

também ser considerado um efeito da anestesia. Simplesmente não falar sobre o ocorrido, “mas um medo e um silêncio já transformados em velhos hábitos” (BERNHARD 1975: 167). Haja vista o fato, que as pessoas não gostam de serem tiradas da sua zona de conforto, de serem incomodadas, elas preferem não falar sobre o ocorrido, se anestesiarem a fim de que aquele choque não entre em seu consciente e tire seu conforto.

5. Considerações finais

Concluimos que ao analisarmos este relato denominado *A causa*, há vários pontos a serem trabalhados, estudados e discutidos. Desde a vida do autor, esta relacionada com a obra e o caminho que ela segue até as fronteiras não limitadas entre ficção e fato. Voltamos para a potência das imagens, ao fazer uma denúncia clara do que aconteceu naqueles anos de guerra e pós-guerra. Dessa forma, devemos sempre imaginar e jamais se esquivar dessas imagens impetuosas. Não nos tornando mudos, mas termos esses fatos como algo imaginável, mesmo que inimaginável. Resumindo, sempre devemos nos tornar sujeitos conscientes da realidade em nossa volta, conscientes dos fatos já ocorridos, que independente disso, são de suma importância para análise e estudo. Então, é relevante não nos anestesiarmos ou não nos deixarmos anestésiar. A rememoração é valiosa para avivarmos a consciência.

Referências bibliográficas

BERNHARD, Thomas. *Origem*. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

RIBEIRO, Helano. *A otobiografia de Thomas Bernhard: por uma Origem indecível e redentora*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós- Graduação em Literatura. Florianópolis, SC, 2015.

LAGES, Susana. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=NDk7ohhza8wC&pg=PA151&lpg=PA151&dq=walter+benjamin+mudez&source=bl&ots=wrjqBvrEAl&sig=NiGGTLfBoCWz2tdnCHJNLYOdyyc&>>

hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwio78DBrJ TAhXHOROKHed5C6gQ6AEIMTAC#v=onepage&q=walter%20benjamin%20mudez&f=false. (12/04/2017)

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imágenes pese a todo: Memoria visual del Holocausto*. Disponível em: <https://bibliodarq.files.wordpress.com/2013/10/5-didi-huberman-g-imc3a1genes-pese-a-todo-memoria-visual-del-holocausto.pdf> . (12/04/2017)

FREUD, Sigmund. “Recordar, repetir e elaborar”. In: *Obras completas. Vol. 10*. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 201.

STENGEL, Claudia. *Resenha do Texto “Recordar, Repetir e Elaborar”*. Disponível em: <https://psicologado.com/resenhas/resenha-do-texto-recordar-repetir-e-elaborar> . (12/04/2017)

ALMEIDA, Ana. *Teoria do trauma*. Disponível em: <http://psisalpicos.blogspot.com.br/2006/07/teoria-do-trauma.html> . (12/04/2017)

FAVERO, Ana Beatriz. *A noção de trauma em psicanálise*. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13362/13362_1.PDF . (12/04/2017)

BARBOSA, Maria Aparecida. *A linguagem e o jogo*. Disponível em: <http://rascunho.com.br/a-linguagem-e-o-jogo/> . (12/04/2017)